REVISTA UNIVERSAL.

TOMO 2.º

N.º 1.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.º 29. POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 6 de Janeiro de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo.

PROLOGO.

1 De tudo ha, e se necessita, na republica litteraria: é um estado como outro qualquer estado; tem seus magnates, que brilhão, e devorão, mais do que valem e produzem; tem seus burguezes honrados, que dão, com boa consciencia, ordem á vida; tem populacho indomito, e daninho; tem agiotas, que engordão com o suor alheio; missionarios, que prégão no deserto; legisladores, de quem os legislados se riem; codigos de leis, de que ninguem faz caso; liberaes e servis, medicos e charlatães, arlequins e farçantes, tropas e bandoleiros, creadores e arrasadores, moços de recados, a que chamão traductores, lavradores, que semêão o bom grão, e provem ao sustento dos seus semelhantes, mas de quem poucos fazem o devido cabedal; cabouqueiros, que se matão a apparelhar os materiaes para um edificio, de que se não hão de gozar, nem vel'o feito; mendigos, a quem ninguem soccorre; engeitados, que ninguem reconhece; aposentados, de que ninguem se lembra; criminosos que ninguem castiga; etc. etc. etc. Mas quem acreditaria, que para de tudo haver n'esta républica, até galés se encontrão n'ella! galés?! exclamarão espantados os que ácerca de periodicos não fazem mais do que lel'os; sim, galés; e os seus forçados são os fazedores d'esses mesmos periodicos. Agrilhoados a dois e dois, a tres e tres, ou a muitos e muitos, os pobres redactores d'uma folha suão, e desesperão, n'uma lida continua, e obscura, sem alivio, nem consolo, nem esperança. Em quanto todos os outros membros da sociedade vão ajuntando gloria e cabedal, para si, e para os seus, o jornalista não grangêa haveres, desbarata em obras morredouras o talento que Deos lhe deu, serve talvez, providencialmente (se é homem honesto) ao vagaroso, e insensivel, progresso da felicidade commum; mas nenhuma outra cousa tem por si mais do que esse tacito testemunho da sua consciencia, para se consolar das penas innumeraveis, das amarguras, sempre recrescentes, de seu officio. Que é um periodico? uma meza redonda, onde podem, e vão, sentar-se convidados, ou não convidados, pagando ou não pagando, toda a qualidade de espiritos; uns famintos, outros saciados, outros enjoados, outros em dieta; uns de bom contento, outros incontentaveis; um vos pede alimento solido e simples; outro appetitoso, salgado, ou picante; outro só fofas golodices; e o que peor ha n'isto, é que o malfadado que tal meza põe, se procura cozinhar segundo sua consciencia, desagrada a quasi todos; se a todos procura satisfazer, a todos desagrada; porque a vista do prato substancial importuna aos melindrosos; a dos doces, aos desenfastiados; a da agua mais brilhante e saudavel, aos partidarios dos licores que accendem e transportão; e a d'estes aos abstemios, que, sobre não os amarem, se arrecêão

de seus perigos. Ainda o Jornalista politico tem um grande mal em seu favor; que só escreve para uma parcialidade; conhece os paladares e estomagos dos para quem trabalha; se tem murmuradores, e inimigos, são de fóra, e com elles se arrosta, porque lhe não faltão fréguezes, e interessados, que o esforção, e ajudão. Os jornaes de puro recreio ainda tambem, pouco mais ou menos, lá podem achar modo para descontentar o menos possivel aos do seu bando; quem só procura divertir-se, facilmente se diverte: até os jornaes d'uma só especialidade, e esses mais do que nenhuns outros, nos parecem, em comparação do nosso, bemfadados, porque não têem de ser julgados senão pelos seus pares; o medico pelos medicos, o pharmaceutico pelos phármacos, o juridico pelos juristas, o militar pelos militares, o maritimo pelos marinheiros; mas um jornal do genero d'este nosso, é de todas as galés, a mais pesada, e a mais galé, e por isso, ainda ninguem antes de nós, ousára commetter neste reino uma tal redacção. Um jornal só de interesses positivos; um jornal que só ensina e aconselha, mas não ri, não se assenta a contar novellas, ou envernizar, e dourar vaidades; que, se entretem, é só pela estranhesa, e variedade, dos inventos uteis que apresenta; que não desdenha, nem as minimas conveniencias do lavrador, do artifice, ou da mãi de familias boa ecónoma; que tem por dogma, que só pela transformação progressiva de todas as molleculas sociaes, e não pelas revoluções, se aperfeiçoão, e felicitão os povos; um jornal que antes quer aquecer do que luzir; crear e aviventar, do que divertir e entorpecer; um jornal em summa, que por todos incançavelmente se desvéla, é logo, por sua mesma natureza, um papel futil para a grande maioria dos que sabem ler, ou soletrar, e muito mais ainda nas cidades, do que nos campos, na capital do que nas provincias, nos palacios, do que nas cazas means. Isto, que a razão nos devêra ter logo do principio prophetisado, hoje nol'o tem já demonstrado a experiencia. Quanto mais a *Revista Universal* vai por essas provincias crescendo, louvada, e abençoada, pela humilde sinceridade, com que promove em todas as materias o bem do povo, tantas mais portas se lhe vão por cá fechando, em paços de senhores; tanto mais desprezo, e frieza, vai encontrando em pulidinhos de assembléas, como se estes pulidinhos e senhores, estes vaidosos de sua esterilidade, estes orgulhos, e gorgulhos sociaes, estes *fruges consumere nati*, não houvessem infallivelmente de lucrar com o crescimento da agricultura, da industria, e de todos os elementos da civilisação. Que não fecundem o solo, que não suem nas officinas, que não forcejem por pagar alguma parte de sua divida á terra que os traz mantidos, e regalados, bem está; que nem sequer desção a aprender por seus olhos, quanto as suas faceis delicias custão de suores, e miserias, a milhares de operarios, ainda está bem; a vista daquelles trabalhos lhes poderia desconcertar o sistema nervoso; mas que menoscabem, que espanquem, e escarneção, por galhardia palacianna, a um pobre papel, que na tenção, nas palavras, nas obras, por dentro e por fóra, mais portuguez n'um só dia, do que elles em cem annos, só diligencêa illustrar, e ajudar, essa classe immensa, e variadissima, que se mantem a si, e a todo o estado; e a elles, não só os mantem, se não que de tudo os abasta, e opulenta; que não tenhão se quer o instinto bruto do egoismo, eis ahi o que não é bem, nem perdoavel, nem comprehensivel.

Ao mal deste desamparo, posto que aliás muito honroso para a *Revista Universal*, outro acresce muito peor, e é o da publica inercia, achaque mui sabido, e velho, desta nossa gente portugueza, mas esperamos em Deos que não incuravel. Quando de espaço nos damos a considerar no que era a Belgica ainda ha poucos annos, e que, menos vasta, e muito menos favorecida da natureza do que Portugal, é hoje a porçãosinha do globo onde, proporcionalmente, ha mais vida, mais movimento, mais abundancia, mais prosperidade, mais luxo, e mais sobejo de luxo, temos fé que tambem nós outros, em se quebrando o encantamento, que nos traz metamorphoseados em annõesinhos madraços e impotentes, havemos de resurgir dignos, como nossos antepassados, de habitar no melhor canto d'esta Europa, hoje só invejado por seu céo, por seu torrão, e por seus mares, mas que então será tambem invejavel pela excellencia de seus filhos, pela abundancia de suas riquezas, pelas commodidades, e doçura da vida, que se n'elle hade viver; mas por quem, e quando, e como, se hade quebrar o encantamento? só quem o vir, e quando o vir, o saberá; poderá ser tarde, por culpa do mal de que nos queixamos — a inercia, a indolencia, a falta de uma vontade, forte e desenganada. — Assim nos fizeram, ou desfizeram, as riquezas antigas; e n'este mesmo estado nos conserva, e nos empeóra, a consciencia de nossa presente nullidade. Todo o desgraçado é supersticioso, e

nisto, como em muitas cousas, são os povos como os individuos. Da nossa miseria nasceu uma tristissima superstição — que havemos o nosso mal por incuravel — e incuravel será realmente em quanto, por assim preoccupados, nos não resolvermos a applicar-lhe todos os remedios, que a experiencia de outras gentes traz abonados de mui saudaveis. E' este o erro que toda a Imprensa mais devia trabalhar, de dia e noute, por desarreigar, porque em civilisação, como em religião, só a fé opéra os milagres, e só d'ella se produz a esperança, o amor, e a felicidade. A falta de fé em um bom futuro, é quem principalmente nos está quebrando os brios, decepando os desejos, e affastando esse mesmo futuro cada vez para mais longe.

Não podemos desenvolver mais o nosso pensamento, com medo de nos deixarmos levar no impeto da excursão até ás fronteiras da politica; retrahimo-nos, e recolhemo-nos ao facto de que nos queixavamos—a indolencia publica—Por mil e mil provas nos tem ella sido agora manifestada; e tão hedionda, e nojenta, que já pode ser houveramos largado por mão as fadigas d'esta empreza, se por nossa parte não tiveramos fé grande, e grandissima, nos resultados da perseverança, no poder do tempo, na efficacia da missão da Imprensa, e no dogma da perfectibilidade humana. Com isto só nos consolamos, e esforçamos, todas as vezes que lançando por esse reino, com um pregão de tres mil vozes, que tantas são as folhas que da *Revista Universal* se derramão, um conselho indubitavelmente prestadio, e evidentemente facil, ora aos agricultores, ora aos artifices, ora aos municipios, ora aos governantes, de nenhum coração ouvimos sahir um echo ao nosso brado; e se indagamos que effeito pratico produzio entre nós a novidade, que tão bem pegára, e prosperára, entre os estrangeiros, quasi sempre descobrimos, com lastima e vergonha, que o ramerão apenas lançára os seus olhos estupidos para a nova luz; surrira como parvo, e continuára, sem saber porque, pé ante pé, no seu carreiro.

Mais. Quatorze vezes tem sahido a *Revista Universal*, e quatorze vezes tem clamado altamente que *aceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mormente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.* Em quarenta e duas mil folhas tem pois sahido este desafio do patriotismo ao patriotismo; e em quatro milhões de habitantes apenas seis ou oito almas tem acudido ao chamamento.

Mais. Não paga d'este geral convite, a Redacção da *Revista Universal* tem fallado, escripto, sollicitado, a muitas *pessoas*, e sociedades, de quem se podia, e devia, esperar coadjuvação; a maior parte nem sequer se demoveo a dar resposta; e dos que a deram, com boas promessas, quasi nenhuma outra cousa se tem ainda até hoje podido tirar.

Entretanto, repetimol'o, queremos ter fé — e temol'a; — esperamos que o tempo hade fazer seu officio, e por nossa parte, o nosso nós continuaremos a fazel'o. Teimaremos, como o semeador da parabola, a lançar a boa semente; muita cahirá para o caminho, e perecerá calcada dos pés; muita a devorarão os passaros daninhos; muita definhará á sombra dos espinheiros; muita se mirrará por cahir sobre pedras; mas alguma tambem (e isso nos basta para que a lancemos de boa mente) cahirá em terra agradecida, onde se aproveite: uma só familia de lavrador, uma só familia de artifice, que exhortada, e doutrinada, por este papel de amigos seus, veja melhorar-se os seus destinos, seria já para nós mui boa recompensa de tamanho trabalho; mas fiamos na providencia em que muitos, e muitos mais, hão de ser os bons resultados.

Quanto ao sistema que traçamos seguir no decurso do anno que se nos hoje abre, será, pouco mais ou menos, o mesmo que até aqui nos tem governado. Convencidos pela rasão, e pela experiencia, da impossibilidade de agradar a todos; mais cubiçosos da affeição dos sisudos, que dos applausos das turbas; e até mais empenhados em fazer verdadeiros beneficios, do que em receber louvores (pois que a approvação de nossa consciencia nos basta para estimulo) por nenhum respeito torceremos nunca um passo do nosso caminho, por mais que se nos repitão suggestões, e nos chovão cartas, como as que em Musêu vamos enthesoirando. —»Snr. Redactor quando assignei para o seu periodico, cuidava que seria um papel de progresso, e V. da-nos um artigo de lamurias, por se deitarem abaixo uns poucos de monumentos velhos sem graça, e algumas hermidinhas e igrejas, quando a nossa desgraça é não serem ellas todas arrasadas» — Snr. Redactor, como V. não sahe d'essas seinsaborias de trigos e cevadas, e não nos diz nada da politica, que é a verdadeira cevada, de que hoje precisamos, escusa de me contar d'aqui em diante no numero dos seus assignantes» — »Snr. Redactor, o seu jornal diz que é muito portuguez, mas o que eu vejo por cima de cada um dos seus artigos são nomes de terras estrangeiras; deixe lá as inven

ções estrangeiras, e falle das nossas » — » Snr. Redactor, se não der mais a miudo alguma cousa juridica, não conte mais comigo » — » Snr. Redactor, que nos importa a nós se Maria Fagundes teve na sua demanda sentença a favor, ou sentença contra, e o que os Advogados decidem nas suas questões de direito? » — » Snr. Redactor, se V. continua a massacrar com termos carunchosos a bella linguagem portugueza, e progressiva, do nosso tempo, procure quem o lêa » — Snr. Redactor, será bom não pôr tantos artigos compridos no seu periodico » — » Snr. Redactor, toda a gente aqui anda aborrecida de não achar na *Revista* senão artigos miudinhos » — etc. etc. etc.

Ora como é evidente que não é possivel que um artigo seja ao mesmo tempo curto e comprido, de taes cartas nenhum outro uso se pode fazer, mais que o archival'as com os indeces dos nomes de seus auctores, quando os trazem; no que sempre se lucra o poder n'um relance ficar conhecendo a muita gente. Proseguiremos pois extrahindo dos melhores Jornaes estrangeiros, de que esperamos receber grande numero desde o principio d'este anno, tudo quanto n'elles se contiver mais accomodavel a nós, mais praticamente util, ou mais feito para nos accender proveitosas invejas. Entre nossa gente continuaremos a procurar, e a pedir, quantas noticias haja proveitosas, e interessantes, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes. O primeiro lugar, o daremos sempre aos artigos de mais intelligivel, de mais inquestionavel prestimo; aos que versão sobre o sustento e agricultura, o vestido, a habitação, e os caminhos de terra e mar, e todas as outras commodidades materiaes da vida. A creação, a moral, a religião, a historia, as artes, as sciencias, não cessarãode ser desvelo nosso; finalmente continuará a cerrar os nossos numeros a bibliographia, materia para todos os bons espiritos de summa importancia, e talvez d'entre nossos capitulos o mais fecundo em bons resultados, proximos e remotos. Assim, depois de alguns annos, se a Deos prouver que esta empreza, a mais nacional, vá adiante, todas as cousas productivas, illustradas, e nobres, confessarão ter devido alguma parte de seu crescimento ao empenho e esforços da *Revista Universal*.

E na collecção d'estes volumes se achará enthesourada, e massiça, quando algum dia os percorrerem, a chronica dos verdadeiros progressos que a sociedade humana em geral, e em particular a sociedade portugueza, houverem feito: será em ponto maior, e melhorado, o desempenho do mesmo pensamento, que tanta gloria tem de dar ao actual Prefeito de *Vesona*, em França; pensamento já por elle começado a pôr por obra, e que sem falta será adoptado em todo o reino, e em todos os reinos, onde a miseravel preguiça se não reputar o summo bem. E porque a noticia de exemplo de tanta monta, mas que seja em prologo, não será agora descabida, que no-la dê o Jornal da mesma cidade, intitulado o *Echo de Vesona*.

» Em nenhuma parte de França, diz elle, se fazem as ephemerides do nosso tempo; valiosas são logo as providencias que hoje dá o Prefeito d'este departamento. Determinou se abrisse um livro de registro, onde se hão de ir lançando por termos summarios, as relações de todas as cousas de que importe deixar memoria; cada relação será, para maior authenticidade, sellada com a chancella da Prefeitura. As destruições, ou construcções, de grandes monumentos, as calamidades publicas, as epidemias, as formosas acções, que ao diante poderem ser de gloria para as familias, emfim os feitos, quaesquer que sejão, por sua natureza concernentes á historia, permanecerão d'esta arte perpetuados; no que algum dia encontrarão os vindouros preciosos documentos »

Terminaremos annunciando a nossos leitores, que alguns — e não já poucos — dos mais distinctos e amados escriptores do nosso Portugal, generosamente, e movidos do amor da patria, cujos interesses em nenhuma parte, com mais zelo do que n'esta folha, se procurão, se promovem, e se defendem, honrarão frequentes vezes com seus escriptos estas paginas, que, bem que humildes na apparencia, por seu empenho todo portuguez, não ficão sendo indigno theatro a tamanhos engenhos. Outros virão sem duvida, apoz estes, auxiliar-nos; e chegará dia em que a *Revista*, hoje nascente, avulte como um monumento duradouro na nossa litteratura.

A Redacção.

LAGOAS ARTIFICIAES.

PORTUGAL — HESPANHA.

Advertencia.

2 O artigo que sob este titulo publicamos é extracto d'uma carta com que de Castello Branco nos honra o Snr. *José Soares da Costa*. A grande facilidade, e as vantagens grandissimas do alvitre, para muitas partes das

nossas differentes provincias, e para quasi toda a do Alemtejo, fazem-nos esperar que o adoptarão e talvez já este anno; o que para nós será de muita satisfação, de grande credito para seu auctor, de proveito para innumeraveis particulares, e conseguintemente um verdadeiro bem nacional.

A Redacção.

Na provincia do Alemtejo, e em grande parte da Beira, ha sitios, em que os creadores padecem todos os annos grandes prejuizos nos seus gados, pela falta d'agoas, o que é bem facil de evitar por meio das lagôas artificiaes; nem de tão grandes despezas se carece que sirvão ellas de estorvo. Ha poucos dias que observei uma, feita na Zarsa, que apenas custou 800$000 réis, da qual se colhem já os seguintes resultados:

1.º Agoa com abundancia para todos os gados.

2.º Excellente nateiro, com que adubão os campos immediatos.

3.º 62$400 rs. de renda annual pela pesca das tencas criadas na lagoa.

Iguaes vantagens se poderão obter em as nossas provincias d'Alemtejo, e Beira, e em alguns sitios da Estremadura.

As lagôas artificiaes não são necessarias nos Concelhos que abundão em fontes copiosas, e em rios, ou ribeiros que não sécção em todo o anno; porem onde a natureza não é tão próvida; onde, no estio, sécção as fontes, rios, e ribeiros, é mister que a arte supra esta falta: deve o homem, na estação das chuvas, fazer um deposito d'agoas sufficientes para as suas precisões no resto do anno. N'estes sitios não pode ser contestada a utilidade das lagôas artificiaes.

Não devem ficar junto ás povoações, nem muito distantes d'ellas; no primeiro caso porque a estagnação das aguas, e a decomposição das materias estranhas que se lhe juntão, podem infeccionar o ar, motivando um grande numero de molestias febris: no segundo, porque não offerecem commodo tão facil para os gados beberem —para se empregar o nateiro—para a pesca—lavage de roupa—rega dos terrenos;— etc.; porque para todos estes objectos podem ser uteis as referidas lagôas, segundo a sua capacidade, e a inclinação do terreno, fôr maior ou menor.

Uma planicie algum tanto inclinada, entre duas montanhas, que n'um ponto se dividão apenas por uma cortadura feita pelas correntes das chuvas, eis o terreno proprio para uma d'estas lagôas. Não é preciso fazer nenhuma excavação. No ponto mais baixo, e em que os dois montes lateraes mais se aproximão, uma parede forte d'alvenaria, de doze a quinze palmos de grossura na sua baze, e oito no cimo, bem rebocada de cal pelo lado da lagôa, é tudo o que se precisa, para suster, e conservar todo o anno, as aguas das chuvas que descem dos montes, que estão aos lados, e em frente da parede; ficando assim formada a lagôa. Para evitar que venha com o tempo a entupir-se a bacia que serve de reservatorio, ao fundo da lagôa, e ao meio da largura da parede, deixa-se um registro, que se abre quando é preciso, para sahir o lodo, o que se obtem só pelo peso e corrente da agoa, que lhe fica superior.

D'este modo se podem ter depositos d'agoa de 100, 200, e mais passos de circumferencia, tendo dez a quinze palmos d'altura no ponto mais elevado. Assim se evita um grande numero de doenças e mortandade nos gados, causada das sedes que padecem no verão. Por este modo se adquirem, em pontos onde o peixe é raro, e caro, abundantes e saborosas tencas; cria-se mais um sitio de reunião, onde os habitantes do campo se podem recrear no divertimento da pesca, e da caça d'arribação, etc.

São estes os unicos esclarecimentos que posso dar; e quando não sejão sufficientes, é mui facil ás Camaras, e aos Proprietarios abastados, que queirão emprehender uma obra d'estas, supprirem o que n'elles falte, mandando examinar per pessoas entendidas, as lagôas, que tem os nossos visinhos castelhanos, algumas das quaes estão situadas a bem pouca distancia da raia.

J. S. C.

MATERIA MEDICA INDIGENA.

(Correspondencia)

Snr. Redactor

Lendo o n.º 11 do seu Jornal, encontrei com um artigo, que tem por epigrafe—Matéria Medica Indigena—no qual V. com rasão lastima a falta d'estudo, e observações, a respeito das plantas, que espontaneamente nascem na nossa patria, muitas das quaes podião sem duvida substituir outras exoticas, que nós estamos comprando por exorbitante preço, ainda adulteradas. Eu não acredito que sendo a natureza, que é quem tudo dispoz, tão providente, collocasse a febre na Europa, e a quina na América, separando desta sorte o mal do remedio; e quando assim fosse, desgraçada teria sido a humanidade antes dos

mares serem navegados, e do descobrimento de muitas terras. No referido artigo faz V. menção de muitas plantas indigenas, que podem substituir os purgantes exoticos, e promette apontar-lhes as differentes virtudes, o que sem duvida é um serviço que faz á humanidade.

Grande prazer é o meu ao ver principiada uma obra que ha muito tempo tinha emprehendido, e que, concluida ella, será uma lacuna de menos na litteraura nacional; mas para escrever com fructo, e para que não fique tudo em vans theorias, rogo a V. se sirva declarar no seu Jornal, quaes são os nomes botanicos, segundo o systema de Linneo, ou outro, que correspondem aos vulgares de = Ourival, e Crafèta = porque folheando em diversos diccionarios, tanto antigos como modernos, technicos, e vulgares, não é possivel encontrar os ditos nomes. Ninguem duvida que a linguagem vulgar das plantas varia d'umas provincias para outras; assim será bom que V., na grande tarefa que tomou de melhorar a Materia Médica Indigena, vá apontando os termos technicos correspondentes aos vulgares, das especies que for descrevendo, para se irem pondo em pratica, e eu cooperarei para esta grande obra, quanto m'o permittirem minhas debeis forças.

F. C. D.

---

4 Em resposta ao Snr. F. C. D., de Vianna do Minho, temos que dizer o seguinte. Em primeiro logar folgamos muito que haja feito objecto das suas tarefas um assumpto de tanta utilidade para o reino, qual é o colligir materiaes para um tratado de materia médica indigena; porque a unica obra que possuimos, e que em tal materia se occupa com alguma extensão, é a Flora pharmaceutica e alimentar portugueza de Figueiredo, que ainda assim é bastante deficiente; não fallando na obra de João Vigier, publicada em 1778, e nas materias medicas de Jacob de Castro Sarmento, e outros, que bem pouco dizem a tal respeito; sendo muito para lamentar, que a promessa feita por Manuel Gomes de Lima, no 1.º numero do seu Diario universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia, etc., de publicar um cathalogo das plantas medicinaes indigenas, em que além da descripção botanica, mencionasse as suas virtudes e preparados, accrescentando a synonymia em sete linguas, não se haja verificado, pois não nos consta que similhante trabalho chegasse a vêr a luz publica. Pelo que diz respeito ás duas plantas *Ourival*, e *Crafêta*, de que deseja saber o nome scientifico, não podemos infelizmente satisfazer o nosso assignante, porque ha muito pouco tempo que no mundo médico se conhece o uso que d'ellas fazem os nossos camponezes; havendo sido por isso mui pouco ou nada estudadas, e faltando ainda a descripção botanica de qualquer d'ellas; trabalho que podia ter sido feito por pessoas entendidas na materia, que residissem nas respectivas localidades. Sobre o *ourival* ha apenas uma resumida noticia do cirurgião de Serpa, que se limita a descrever as propriedades physicas da raiz (por ser a parte da planta empregada como purgante), passando de salto pelas propriedades chimicas, e demorando-se algum tanto mais nas propriedades medicinaes, para comprovar as quaes cita varias observações por elle feitas; porém a respeito de caracteres botanicos, só diz que é uma planta herbacea, e que lhe consta dar em maio flores amarellas, que pela sua disposição collocarião a planta nas *umbelliferas*: prometteu fazer a descripção botanica d'ella, mas até agora não nos consta que tal descripção haja sahido a lume. Em 1838 vimos nós um exemplar da planta em florescencia, que foi enviado a um amigo nosso, o qual por descuido a deixou estragar sem procurar alguma pessoa habilitada com os conhecimentos botanicos precisos para a descrever e classificar; n'essa epocha, hospedes ainda em botanica, não lhe podémos dar a attenção devida; mas, pela lembrança que d'ella nos resta, e pela comparação das propriedades physicas da raiz, pelo Snr. Couceiro descriptas (que tivemos occasião de observar nas amostras, que o dito Snr. mandou á Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, e que forão distribuidas a varios socios), com a descripção botanica das especies do genero *euphorbia*, desconfiamos que a elle pertencerá. A planta encontra-se pelos arredores de Serpa e Evora, e a pequena memoria do Snr. Couceiro sobre ella, acha-se a pag. 144 do tom. 8.º do Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. Da *crafêta* não sabemos mais nada, do que ser um purgante usado pelos camponezes em alguns logares da Beira. Pela razão de serem mui pouco conhecidas estas e outras plantas de que fallámos nos artigos 223, e 248, d'este jornal, é que chamámos a attenção dos facultativos, e mais pessoas intelligentes, das respectivas localidades; pois são esses individuos que estão mais nas circumstancias de poderem allumiar-nos a tal respeito, ficando por nossa parte o obter os esclarecimentos

possiveis; para os conseguir já alguns passos havemos dado, e do exito daremos conta.

A. J. de S.

ESTRABISMO.

PORTUGAL. FRANÇA. ITALIA.

5 Em o nosso artigo 261 mencionámos uma cura felicissima de estrabismo, effectuada, por um Cirurgião da Martinica, em um menino de 12 annos, completamente vesgo. Então dissemos — e agora o confirmamos — que os ultimos jornaes estrangeiros não cessão de apregoar com o maior fervor as numerosas curas d'este defeito; estamos que tão poderoso incentivo fará com que os nossos médicos se desvelem para que d'entre nós desappareça uma deformidade, que ainda ha pouco se julgava sem remedio. O Snr. Barral, segundo nos affirmão, já principiou a dar o exemplo, e parece que, na primeira operação que fez, se houve com aquella pericia que todos lhe reconhecem, e obteve o resultado que d'ella se devia esperar. Não faltão enfermidades para as quaes é impotente a medecina; porque não tratarêmos de curar aquellas para que se nos apontão, e recommendão, facilimos remedios?

Lêmos nas ultimas folhas de Marselha que a Sociedade Real d'aquella cidade honrára com uma medalha de prata ao Dr. Carlos Philips, de Liége, pelos efficazes serviços, e importantes modificações, que fez na operação do estrabismo. Já se vê pois que sendo o objecto de tanta monta, que uma illustre sociedade franceza não desdenha premiar serviços n'esta materia feitos por um estranjeiro a estranjeiros, por si mesmo se recommenda, e não exige o nosso brado para que os facultativos portuguezes o estudem, e propaguem.

M. P. R.

METEOROLOGIA.

6 A meteorologia é o ramo das sciencias fisicas que investiga com especialidade as apparencias, duração, revoluções, e effeitos dos meteoros atmosfericos, os quaes tem a mais intima relação com a nossa existencia fisica e moral; pois nada exerce uma influencia tão poderosa sobre os individuos como o estado da atmosfera na qual vivemos mergulhados. Desde a mais remota antiguidade notaram os medicos mais abalisados o poderoso influxo das variações atmosfericas sobre os corpos sãos ou enfermos, e já o celebre Hyppocrates recommendava o seu estudo como um dos mais importantes auxiliares da medicina. Se, pondo de parte estes interesses directos passarmos a considerar outros que muito de perto nos tocão, concluiremos que a meteorologia é uma sciencia extremamente importante a todos os respeitos, pois que a acção dos meteoros sobre a vegetação é tão poderosa que se pode considerar a base fundamental da agricultura, sendo innegavel que o andamento meteorologico do anno póde mais que os proprios trabalhos do lavrador.

Segue-se pois que a meteorologia é destinada a prestar grande auxilio áquellas duas sciencias ás quaes o homem é obrigado a tributar grande veneração, pois dellas depende a sua existencia e conservação, a saber, a medicina e a agricultura. Os immensos progressos feitos no ultimo seculo, e no presente, em todas as sciencias, despertaram um vivo interesse para este genero de observações, reconhecendo-se que os fenomenos meteorologicos do frio, calor, chuva, e ventos, que apparecem annualmente nos diversos paizes, apezar das suas vicissitudes eventuaes, comtudo quando se considerão em complexo no periodo de muitos annos, se apresentão com certa regularidade, deixando bem distinctas as qualidades predominantes que constituem climas tão diversos em cada paiz, e até em cada localidade. Não é pois de estranhar que se tenhão multiplicado por toda a parte este genero de observações, hoje seguidas com perseverança não só na maior parte das principaes cidades do continente europeo, mas até em numerosos pontos dos outros continentes; fazendo-se assaz notavel o impulso que S. M. o Imperador de todas as Russias deu no seu vastissimo imperio, mandando estabelecer observatorios em muitos pontos da Europa e Asia, para conhecer com exactidão os seus variados climas. Cumpre notar que em o nosso bello paiz tem sido quasi totalmente abandonado este ramo das sciencias fizicas, pelo que muito pouco se conhecem as diversas modificações que constituem os variados climas de Portugal, servindo de prova o que se acha impresso no acreditado Tratado de Phisica de Pouillet, o qual, mencionando as temperaturas medias annuaes de muitos sitios do globo, afim de traçar a direcção das linhas isothermas, ou de calor igual, dá a Lisboa uma temperatura inferior de 2 ½ gráos centigrados (4.° Fahrenheit) á verdadeira, deduzida de 18 annos de recentes observações, feitas com o maior esmero por um dos seus leitores. Estas observações têem sido publicadas mensalmente, há mais de um anno,

no interessante Jornal das sciencias medicas de Lisboa, aonde se transcreve a integra do diario mensal. Como porém a Revista Universal é essencialmente destinada aos curiosos que se interessão no progresso das sciencias, e principalmente das que têem connexão com a agricultura, julgamos fazer-lhe serviço agradavel enviando-lhe mensalmente o resumo daquellas observações, cuja parte historica a todos interessa. M. M. F.

POESIA NACIONAL.

(Continuado do art.º 229).

II.

7 Boileau disse em Paris:

Enfin Malherbe vint, et le premier en France
D'un mot mis à sa place enseigna la puissance; e d'ahi ficaram proscriptos todos os poetas anteriores a Malherbe, nem se contáram mais eras de poesia senão d'aquella data em deante. Os trovadores e os troveiros (*troubadours et trouvères*) que Boileau tractára por cima do hombro sem os conhecer, ninguem procurou conhecê-los; assentou se que não valia a pena. Jurou-se nas palavras do mestre, e ficou-se piamente crendo que fôra Malherbe o fundador da poesia franceza.

Elle era-o sim da eschola romana, que outros dizem *classica*; e como ninguem mais quiz ser senão romano, sem questão ficou sendo o primeiro d'essa eeschola que usurpou o titulo de nacional, e cujas odes de raça grega, cujos sonetos sicilianos, elegias greco-latinas, e epistolas e satyras romanas expulsaram de sua casa os *lays*, as *sirventes*, os *fabliaux*, as canções e os romances dos proscriptos poetas verdadeiramente francezes, mas agora desnaturalizados e bannidos.

E todavia, apezar de Malherbe e da sua eschola, ainda se liam, ainda se estimavam em França as reliquias da verdadeira poesia nacional e primitiva. Depois da sentença de Boileau, que passou em julgado, era vergonha fazê-lo, era mau gôsto: apagaram-se-lhe até os vestigios.

O mesmo acconteceu em Portugal. Até principios do seculo passado ainda acreditavamos, ainda nos lembravamos que, antes de Camões e Ferreira, tinha havido outros cantores portuguezes, que outros *fortes tinham vivido antes de Agamemnon*. Mas desde que a Arcadia fixou a epocha de quinhentos como unica orthodoxa, e anathematizou tudo o que depois ou antes se fizera, tambem entre nós se apagou a memoria dos nossos trovadores e menestreis; suppoz-se a poesia portugueza sahida do cerebro de Camões armada e composta já como a antiga Palas do casco de Jupiter.

Mas tam falso era o rescripto de Boileau como o senatus consulto da Arcadia. Antes que fosse a magra e compassada *douairière* de Malherbe, antes de ser a flórida e elegante donzella de Camões, a poesia do Sul da Europa, descendente por varonia dos Scaldos e Bardos do norte, cujo espirito herdára, mas por sua mãe (de quem mais feições conservou) das ultimas degeneradas, mas ainda graciosas, cantilenas latinas, ésta poesia, digo, tinha tido infancia, meninice, adolescencia e nubilidade. Casou em França com o secco do Malherbe, e em Portugal com o tôrto do Camões; e d'ahi, *casando e amansando*, tomou outros modos, outro ar, desprezou e esqueceu os seus antigos amantes. Desde o berço os tivera: — era doidinha de pequena: e não a dêmos por exemplo a matronas ainda depois de cazadas.

Ora coisa de cem annos depois d'aquella sentença começaram más linguas e gente curiosa da vida alhea a suscitar memorias dos antigos galanteios de Dona Poesia — e a duvidar-se da justiça de Boileau, e a querer-se examinar se com effeito eram os taes amantes tam feios e tão desprendados como elle dissera.

Publicaram-se algumas rhapsodias dos *troubadours* e dos *trouvères*. D'ahi appareceram tambem em Allemanha, na Dinamarca, na Suecia e em Inglaterra reliquias dos Sclados e dos Bardos — começou-se a atar a historia da poesia; deu-se tambem preço aos cantores da que chamarei *renascença* por falta de outra palavra, isto é, dos que fizeram a transição do trovador ou menestrel da meia edade para o poeta do seculo XVI; e ainda os documentos não estavam todos junctos, nem o processo de rehabilitação formado de todo, e já a sentença de Boileau tinha sido revogada por toda a parte álem dos Pyreneos, menos em França onde, como eu já escrevi algures, o despotismo litterario do seculo de Luiz XIV custou muito mais a destruir que a sua monarchia e a sua bastilha.

Os poetas inglezes descendentes, no mesmo grau que os Francezes, dos trovadores da lingua *d'oc* e dos troveiros da lingua *d'ocil*, foram os primeiros que positiva e judicialmente revogaram a sentença do chancellermor Boileau, e rehabilitaram os seus aggravados e injuriados progenitores.

Seguiram-n'os os Francezes mais devagar e com um resto de viciosa vergonha.

Ha bons quarenta para cinquenta annos

que em toda a Europa, excepto a peninsula, se estudam e confrontam e publicam e codificam trovadores de Provença, *trouvères* de França (Austrasia?) menestreis de Normandia e Inglaterra, Bardos de Scocia, de Bretanha e de Galles, Minnesingers de Allemanha, Scaldos de Dacia e Islandia. O Niebelungen saxonio, as Sagas hersas e runicas, liederbulchs, romanceiros e cancioneiros em todas as linguas, germanicas, romanas e mixtas, têem apparecido por toda a parte, uns reimpressos de algum raro exemplar em letra quadrada que o desprêso geral em que tinham cahido por milagre deixou conservar; outros desinterrados dos antigos archivos e transcriptos dos codices manuscriptos, outros copiados da tradição oral dos povos que em outro livro não foram conservados nunca. Castella codificára muitos dos seus romances, Portugal bastantes das suas canções. Mas nem lá nem cá se liam.

Ralharam comnosco Boutervecc e Sismondi, e tinham razão. A nós Portuguezes especialmente nos injuriou, com um favor que nos fez, Lord Stuart de Rothsay, (Sir Charles Stuart) publicando em Paris em 1823 o cancioneiro do Collegio dos Nobres.

E comtudo nem estes stimulos agudos nos chegaram ao animo. —Parece-me que em Hispanha só depois que o Sr. Duque de Frias me fez a honra de querer seguir (como elle diz) o caminho da *Adozinda* no seu *Moro expósito* é que despertou devéras o gôsto dos romances antigos.

Em Portugal despertou tambem já o gôsto, mas faltam os modelos, porque os cancioneiros são rarissimos, e os romanceiros nunca os houve, ou pelo menos não consta que nunca os houvesse.

E' mister colligi-los da tradição popular. ? E são elles portuguezes legitimos esses romances da *Bella-infanta*, do *Bernal-Francez*, de *Santa Iria*, da *Silvana*, e os outros mais, que o nosso povo tem conservado a despeito da incúria dos seus litteratos? — Será Portugal e Gallisa a lingua d'oc da peninsula em que só se fasiam canções, como dos Provençaes se acreditou muito tempo, e a Castelhana a nossa lingua d'oeil privilegiada para o romance historico ou quasi-historico?

Examinarei, quanto podér, estas dúvidas.

(*Continuar-se-ha.*) A. G.

NOTICIA JURIDICA DOS NOBRES DE PORTUGAL.

8 JULGAMOS curioso publicar a seguinte noticia sobre as circumstancias que deviam dar-se nas familias ou individuos, para conservarem ou obterem a nobresa. Hoje quasi todas essas leis que estabeleciam os diversos meios de ser nobre estão virtualmente abrogadas. A Constituição do Estado *garantindo* especialmente no §. 4.º do Art. 26 a nobresa hereditaria, parece excluir por isso mesmo as outras. E ainda esta é limitada ás regalias puramente honorificas. Reduzida assim a titulos vãos, a precedencias nos actos publicos, ás distincções das librés, ou brazões, sem prerogativa alguma positiva e material, a nobresa como nossos avós a entendiam pertence quasi exclusivamente á historia, e é como parte d'esta que julgâmos curioso o seguinte extracto da nossa legislação.

Na somma d'essas disposições legaes ha um grande facto social, ou antes uma idéa, que é o resumo ou philosophia de todas—Leis excepcionaes —qual é a regra geral que ellas limitam? Evidentemente as existencias industriaes, *os mechanicos*. A palavra mechanico representa por si o homem que trabalha, que emprega forças, o productor, o cidadão util. Não mechanico representa necessariamente o contrario disto. E, todavia, a lei lança sobre aquelle a ignominia; attribue a este o privilegio. Mais: a nação divide-se em dous campos, fóra dos quaes ninguem existe: se no dos homens da excepção se commette um crime torpe, que mereça supplicio infame, não ha lá patibulo: a deshonra só habita no outro campo. Arrola-se o criminoso no livro dos vís, para se haver de punir. O avental do obreiro é um ferrete de affronta. São os Naires e os Sudros da India, com uma unica differença. Na Asia divide o berço as duas castas: na Europa o berço ou um diploma. De que lado está a vantagem? Do lado das instituições Orientaes. Se ha absurdo que possa ser tolerado é aquelle que sanctificaram os seculos e a tradição.

Sendo o trabalho o fundamento da prosperidade publica, é claro que semelhante nobreza era a condemnação da industria, e por consequencia da solida felicidade publica. Assim entre nós, como em toda a parte, onde a não-nobresa significava vilipendio, o progresso das artes industriaes ou fabris seria impossivel. Era necessario que a ambição ou o desejo d'illustrar-se, no homem do povo, apagasse primeiro o signal de reprovação chamado condição mechanica: era necessario cruzar os braços e dizer: — » maldicto o que trabalha! — maldicto o que cumpre o preceito imposto por Deos a nossos primeiros paes! » era necessaria uma blasphemia.

D'ahi nascia que o popular, sentindo em si altos espiritos, não tinha outro caminho de distincção, outro meio de sair da sua classe de Pariá, senão ou a vida de soldado, ou a d'ecclesiastico, ou, emfim, a de magistrado: era nestas tres fontes de nobreza onde os homens do vulgo podiam receber o baptismo que lhes apagasse o peccado do berço. E o povo formulou em um adagio essa triste necessidade. *Ou armas ou letras* disseram em Portugal os paes aos filhos por alguns seculos; e mal sabiam elles que este adagio significava a impossibilidade do desenvolvimento industrial, e por consequencia de todo o verdadeiro progresso.

E depois as multidões atiraram-se ás cegas para o campo do privilegio, e como elle era diminuto e circumscripto, não havia logar para todos. Seguiram-se combates encarniçados; mas combates deshonrosos, porque as armas com que ahi se pelejava eram os enredos, as traições, as competencias d'abjecção, os crimes covardes perpetrados nas trevas, e toda a especie de corrupção. E o povo continuava a repetir *armas ou letras*, e a offerecer no altar d'instituições viciosas os sentimentos mais generosos e puros do coração humano.

Deixando subsistir esta legislação insensata, vigorando-a, ampliando-a, o Marquez de Pombal pensou, que em galvanisar o cadaver da industria estava a resurreição della. Santo homem era aquelle Marquez de Pombal!

A aristocracia é uma necessidade social. A desigualdade entre os homens é um abysmo sem fundo, que nenhumas revoluções poderão encher com todas as ruinas das instituições do passado. Mas a desigualdade humana escreve-se lá em cima, e não em diplomas de chancellaria. Nenhum pergaminho teve ainda, que nós saibamos, a virtude de transformar o ignorante em sabio, o sandeu em engenhoso, o timido em ousado, o de má indole em virtuoso. Os titulos com que o homem, intellectual ou moralmente pequenino, se acclama illustre, são a pelle do leão ás costas do onagro — são apenas ridiculos: mas os que pertendem legalisar o genio ou a virtude do que deve sua superiodidade á providencia e a si, são a mosca empoleirada na lança do carro tirado por fogosos cavallos, e exclamando — *vede a poeirada que eu faço*: estes taes são ridiculos, e afora isso insolentes.

A aristocracia que vem de Deus está escripta no coração ou na intelligencia do que a possue; acompanha-o até a sepultura; e se lá o deixa, é para se estampar na memoria das gerações: a aristocracia que vem dos homens está escripta em um papel, e guarda-se em uma gaveta, onde não jaz sózinha, porque tambem lá estão guardadas com ella a humidade e a traça.

E a traça e a humidade são dous executores d'alta justiça — talvez os principaes — que a providencia poz neste mundo para o expurgar de muitas e mui atrozes sandices humanas.

O que temos dicto não é senão o resumo do pensar do nosso seculo, pensar que elle tem revelado em doutrinas e em obras, porque o caracter que o distingue de todos os outros é o ter ajuntado o reflectir ao obrar, o ser cogitador ao ser activo.

Hoje todas as profissões honestas nobilitam. A condição que pode distinguir o individuo nobre do individuo plebeu é uma só e está nelle: é o ser *eminente*. A materia não importa, o que importa é o obreiro.

Ajuntai a maior intelligencia empregada em qualquer genero de sciencia, d'arte, ou d'industria, ao melhor caracter moral, e á maxima actividade, e tereis a mais nobre existencia de todo o mundo, o vulto principal na fidalguia que representa a desigualdade social desta epocha.

Procuremos a profissão que sobre todas fosse despresada em tempos passados. A escolha é difficil: todavia parece-nos que nenhuma foi tão envilecida como a de um comico. Aos comicos chegou-se a negar a sepultura christan. Um memento, sete palmos de terra sagrada, e a sombra de cruz solitaria era luxo aristocratico demasiado, para que a elle tivesse direito o pobre e vilissimo histrião.

Quereis agora saber qual é a este respeito a crença de hoje? Dirvo-lo-hemos.

Ha seis mezes que vivia em Londres uma rapariga franceza chamada Rachel: ella, diziam os inglezes, honrara a Inglaterra, dignando-se passar algumas semanas na patria dos nevoeiros, do orgulho, e do carvão de pedra.

A rainha Victoria abria-lhe como a uma irmã as portas dos seus paços, e remettia avultadas sommas para França com o fim de obter por mais alguns dias a presença de Rachel na sua esplendida corte.

Um dia Rachel adoeceu levemente: d'ahi a algumas horas um velho chamado Lord Wellington, que ha poucos annos nos campos de Waterlo riscou das cartas geographicas o imperio de Napoleão, batia á porta de Rachel, e como um humilde cortesão de principes, ia cuidadoso indagar o estado de saude da rapariga franceza.

Rachel era simplesmente a primeira actriz da Europa, e a Inglaterra, Victoria, e Wellington só cumpriam com o que era devido á rainha da scena.

Esta historia exprime o pensamento da nossa epocha ácerca d'aristocracia.

A. H.

Artigo 1.º Nobre é pessoa, que tem distincção politica procedente d'emprego, que confere nobreza, ou de alguma das Honras do Reino, *L. de 29 de Novembro de* 1775. §. 3. *A. de* 16 *de Março de* 1757. *L. de* 3 *de Janeiro de* 1611. *Regim. Nov. dos Dezembarg. do Paço.* §. 118. *Ord. l.* 5. *t.* 92. *pr.*

Art. 2. Os Empregos, que conferem nobreza, são:

§. 1. Os que por si só têem essa faculdade dada expressamente pela lei, *L. de* 29 *de Novembro de* 1775. §. 3.

§. 2. E os a que por lei ou estilo anda inherente mercê de alguma das Honras do Reino, *L. de* 3 *de Janeiro de* 1611.

Art. 3. Honras do Reino são vantagens na estimação creadas em o Reino, *D. de* 10 *de Junho de* 1649.

Art. 4. Debaixo da generica denominação de Honras do Reino comprehendem-se.

§. 1. O titulo de Princepe, *C. de* 27 *de Outubro de* 1645, *A. de* 9 *de Janeiro de* 1817. *C.* R. *de* 17 *de Dezembro de* 1734.

§. 2. O titulo de Infante, *L. de* 16 *de Setembro de* 1597.

§. 3. A Grandeza, *L. de* 29 *de Janeiro de* 1734.

§. 4. Os Titulos, *Ord. l.* 2 *t.* 45 §. 53. *LL. de* 16 *de Setembro de* 1597, *e de* 23 *de Janeiro de* 1739.

§. 5. O titulo do Conselho, *Ord. l.* 1. *t.* 1. §. 13.

§. 6. O Senhorio de Terra, Regim. *de* d'ElRei, 11 *de Abril de* 1661.

§. 7. A Alcaidaria Mor de Castello Regim. *de* 11 *de Abril de* 1661.

§. 8. Os Foros de Filhamento, Regim. *de* 3 *de Junho de* 1572.

§. 9. A Fidalguia concedida por especial mercê regia, *Ord. l.* 5 *t.* 92 §. 6.

§. 10. A Fidalguia, *Ord. l.* 5 *t.* 92 §. 6.

§. 11. A Fidalguia de Linhagem, *Ord. l.* 4 *t.* 104 §. 5.

§. 12. A Cavallaria Confirmada, *Ord. l.* 2. *t.* 60.

§. 13. A Cavallaria de Linhagem, *Ord. l.* 5. 138. *pr.*

§. 14. O titulo d'Escudeiro dado por carta ou alvará regio, *Ord. l.* 2. *t.* 45. §. 39.

§. 15. A Escudeirice de Linhagem, *Ord. l.* 1. *t.* 66. §. 42.

§. 16. O Dom, *Ord. l.* 5. *t.* 92. §. 7.

§. 17. O Blazão d'Armas, *Ord. l.* 5 *t.* 92. *pr.*

§. 18. O Habito de Ordem Militar, *P. R. de* 25 *de Abril de* 1641.

§. 19. Os Tratamentos, *LL. de* 16 *de Setembro de* 1597, *e de* 29 *de Janeiro de* 1739.

§. 20. O titulo de Parente da Casa Real, *Regim. de* 11 *de Abril de* 1661.

§. 21. O titulo do Desembargo d'ElRei, *Ord. l.* 2. *t.* 45. §. 4.

§. 22. E os Gráos de Letras, *L. de* 16 *de Setembro de* 1597.

Art. 5. As Honras do Reino entrão em o numero dos bens denominados outr'ora da corôa, e hoje nacionaes, *Ord. l.* 2. *t.* 26. §. 33.

Art. 6. O fim de sua instituição é o nobilitar, *Ord. l.* 5. *t.* 92. *pr.*

Art. 7. Os Empregos, que só por si conferem nobreza, nobilitão:

§. 1. Ou somente a pessoa, que tem algum d'elles, como o de Negociante de grosso trato, *L. de* 23 *de Novembro de* 1775. §. 3.

§. 2. Ou não só a dita pessoa, senão tambem os seus filhos legitimos ou legitimados, como o de Sargento Mor ou Major de tropa de primeira linha, *A. de* 16 *de Março de* 1757. *e Regim. Nov. dos Dezembarg. do Paç.* §. 118.

Art. 8. As honras do Reino nobilitão:

§. 1. A pessoa, que tem alguma d'ellas, *Ord. l.* 5. *t.* 92. *pr.*

§. 2. Os filhos legitimos, ou legitimados, d'esta pessoa, *Regim. Nov. dos Dezembarg. do Paç.* §. 118.

§. 3.º E os netos legitimos ou legitimados, da dita pessoa, *A. de* 24 *de Janeiro de* 1771. *Regim. Nov. dos Dezembarg. do Paç.* §. 118. (a)

Art. 9. Os Empregos, que conferem nobreza, e as Honras do Reino, nobilitão as mulheres legitimas das pessoas referidas no paragrafo primeiro e segundo do artigo setimo, e no paragrafo primeiro, segundo, e terceiro do artigo oitavo, em quanto com ellas forem casadas, ou estiverem viuvas honestas, *Ord. l.* 5. *t.* 120. *pr.*

(a) O *Alvará de* 24 *de Janeiro de* 1771, dizendo, que, chegando as familias a alliarse com outras ja illustres, ainda que no seu principio fossem escuras, ficão gosando das mesmas *Honras*, declara que as Honras do Reino nobilitão os netos dos que as têem.

Art. 10. A qualidade de nobre adquire-se:

§. 1. Pela acquisição de qualquer dos ditos Empregos ou Honras, como se disse no paragrafo primeiro do artigo setimo, e no paragrafo primeiro do artigo oitavo.

§. 2. Pelo nascimento sendo legitimo, ou legitimado, com se expendeo no paragrafo segundo do artigo setimo, e no paragrafo segundo, e terceiro do artigo oitavo.

§. 3. E pela celebração de matrimonio legitimo com homem nobre, como se referio no artigo nono.

Art. 11. A qualidade de nobre perde-se.

§. 1. Pela falta do Emprego ou Honra do Reino, de que procedia a nobreza, que se tinha, *A. de 24 de Novembro de 1761, Ord. l. 5. t. 92. pr.*

§. 2. Pela imposição da pena d'infamia, *Ord. l. 5. t. 6. §. 13.*

§. 3. Pela perda da qualidade de nobre sofrida pela pessoa, de quem se houve por nascimento ou matrimonio, *Ord. l. 5. t. 6. §. 13.*

§. 4. Pela mudança d'estado de viuvez para o de casada, havendo-se adquirido pela celebração de matrimonio legitimo com homem nobre, *Ord. l. 5. t. 120. pr.*

§. 5. E pelo exercicio publico de fficio mechanico, *D. de 10 de Junho de 1649.*

(*Communicado.*)

COSTUMES PORTUGUEZES.

9 Sahiram as Estampas N.° 23 e 24 dos *Costumes Portuguezes*, as quaes representão. —— Um homem que vende pão na Cidade do Porto. —— Um Cego vendendo folhinhas pelas Provincias. —— Sahem duas estampas cada mez d'esta collecção, e com estes dois numeros se completa a deste anno, a qual se vende por 2$400 reis. Continuão-se a receber assignaturas para o futuro anno por 2$000 reis, e vender-se-ha avulso cada estampa por 120 reis, na loja de Bordallo, rua dos Capellistas N.° 20.

N. B. Estas estampas são lithographadas em papel velino, e ricamente coloridas.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

10 Taboas de Botanica medica, e cirurgica, nas quaes se descrevem as plantas tanto indigenas como exoticas, as mais usadas na Medicina e Cirurgia, arranjadas segundo o Systema Sexual de *Linneo*, e o Methodo Natural de *Jussieu*, extrahidas das melhores obras de Botanica e materia medica, e compostas para uso dos Estudantes de Medicina, e Cirurgia, bem como dos Boticarios.

Do seu merecimento, e utilidade, será juiz o respeitavel publico, a quem seu A. as offerece como fructo de muitos annos de trabalho. —— Para tornar mais commoda a sua publicação serão distribuidos os dous tomos de que se compõe em 24 folhetos, cada um de 4 folhas de impressão, pouco mais ou menos, e ao preço de 120 reis cada folheto, pagos no acto da entrega: o 1.° numero será publicado no proximo mez de Janeiro, e todos os mais successivamente até o fim do mesmo anno.

N. B. As assignaturas deverão ser feitas ou remettidas á rua das Farinhas n.° 4, a S. Christovão, Lisboa.

A Memoria do Exm.° Sr. *Silvestre Pinheiro Ferreira* sobre a Administração da Justiça Criminal, traduzida do francez, publicou-se, em o n.° 38 da Revista Litteraria com o erro de *tomar* em vez de *temor*, e como este erro venha inverter muitissimo o sentido do auctor sobre *garantias individuaes*, inculcando uma doutrina indigna dos seus sentimentos e da sua penna, agora de novo se publica, corrigindo o dito erro, e produzindo o texto original francez relativo á dita passagem. Vende-se em Lisboa na loja da viuva de João Henriques, rua Augusta n.° 1, preço 60 reis.

O mundo em 1841, ou Breve noticia das principaes Nações da Europa — seus recursos — seus dinheiros em circulação — suas dividas nacionaes — annos precisos de suas rendas para amortisal'as — suas forças, e exercitos de mar e terra.

Obra muito interessante e curiosa, para todo aquelle que de um golpe de vista quizer saber o estado de qualquer Nação da Europa.

O DRAMATURGO.

Sahio o 1.° n.° do *Dramaturgo portuguez*, contendo — D. João 1.° — drama original, pelos Snrs. *Bruschy*, e *Silva Leal*. E' a sua primeira composição neste difficil ramo da litteratura, e tanto basta, senão sobeja, para contrabalançar algumas censuras que por ahi lhe temos ouvido fazer, e que, em geral, recahem sobre a pouca acção do drama; o que por ventura se poderá attribuir ao rigor historico, que seus auctores tanto tiveram a peito conservar. Quanto ao estilo, julgamol-o apropriado, e a linguagem, se não é exemplar, está pelo menos livre de gallicismos grosseiros.

NO PRÉLO.

Consta-nos que os sete Discursos recitados na sessão publica e solemne do Conservatorio Real da Arte Dramatica no dia 26 do preterito Dezembro, e de que em o nosso artigo 281 fizemos lembrança, vão sahir nitidamente impressos em um volume de oitavo grande.

Sabemos que o Snr. Francisco Antonio Martins Bastos, Director do Collegio de Nossa Senhora da Conceição, e no mesmo professor de lingua latina, bem conhecido pelas suas traducções e outras obras, tenciona publicar brevemente a Historia do progresso e decadencia da lingua latina, desde a sua origem até 1842, a qual deverá servir de continuação ao compendio historico da litteratura latina. Subscreve-se na Rua Augusta N.° 1.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.° 19.